

A FLORESTA DAS DELÍCIAS - MORALIDADE INFANTIL EM SETE QUADROS

Quadro 1 - Na floresta

Uma floresta. Um menino está destruindo todas as teias de aranha que ele encontra. Depois de cada teia destruída, uma gargalhada maldosa. Um cesto de frutas vazio. O menino, quando cansa de destruir as teias, pega um morango ou uma amora de dois arbustos próximos e come. Ele canta enfatizando o seu prazer em estar desobedecendo a ordem da mãe dele de colher frutas e se sentir esperto. As frutas vão ficando cada vez mais raras e ele vai tendo mais dificuldade em encontrar as frutas. Depois de muito destruir as teias, ele cansa e se deita na relva. Um relógio distante bate doze horas. Ele dá um salto e se levanta apavorado.

MENINO - Já é meio-dia ! (*Indo até o cesto vazio*) As frutas que a mãe tinha pedido ! (*Corre até os arbustos e começa a procurar mais morangos e amoras em vão. Pega o cesto e sai correndo. Quando cansa, ele para de correr, cai no chão e começa a chorar baixinho.*)

(*Depois de um tempo, o menino ouve alguém chamando por ele. Ele começa a olhar para os lados e não encontra ninguém. Fica assustado.*)

MENINO - Quem é que tá tirando sarro da minha cara, hein ?

VOZ EM OFF - Psiu !

MENINO - Para com isso senão eu vou choraaaaar !

(*O menino chora copiosamente*)

VOZ EM OFF - Seu guri chorão, e só olhar aqui pra baixo que tu vai me enxergar.

MENINO (*secando as lágrimas e parando de chorar*) - Hein ?

VOZ EM OFF - Aqui, ó ! Psiu !

(*O menino percebe alguma coisa no chão e se abaixa para examinar mais de perto.*)

VOZ EM OFF - O que é que aconteceu ? O teu choro tá deixando a minha gente louca.

MENINO - A tua gente ? Como assim.

VOZ EM OFF - O meu povo. A minha gente.

MENINO - Hein ?

VOZ EM OFF - Tu poderia me pegar na mão, pelo ao menos ?

(*O menino junta o anão*)

MENINO - Que legal ! De onde você é ?

VOZ EM OFF - Ué, que pergunta mais boba, eu sou daqui.

MENINO - Mas é a primeira vez que a gente se encontra.

VOZ EM OFF - Claro, tu só pensa em destruir as teias de aranha e comer todos os morangos e amoras ! Alguma vez tu olhou pró chão pra ver onde pisa ?

MENINO (*sem jeito*) - Não...

VOZ EM OFF - Viu ! Então nunca ia poder me encontrar mesmo. Eu sou o rei da floresta das delícias. Mas espera um pouquinho, tu nunca tinha vindo aqui antes. Pouca gente humana já esteve aqui.

MENINO (*olhando pros lados*) - Mas onde é que eu tô ?

VOZ EM OFF (*com orgulho*) - Na floresta das delícias.

MENINO - Ih, eu tenho que voltar pra casa. A minha mãe deve tá preocupada.

VOZ EM OFF - Ah, era por isso que tu berrava sem parar ?

MENINO (*incomodado*) - Ai, eu nem berrei tanto assim, tá !

VOZ EM OFF - Então qual é o problema ?

MENINO (*envergonhado*) - É que...a minha mãe queria que eu colhesse uns morangos e umas amoras dum arbusto que tem lá perto de casa, ela gosta de fazer geléia, né, mas eu comi tudo.

VOZ EM OFF - E como é que tu veio parar aqui ?

MENINO - É porque todo mundo diz que aqui tem um monte de arbusto.

VOZ EM OFF - E porque tu não veio logo pra cá, assim poupava a gente com teus berros.

MENINO - Eu tinha medo. Gozado. Agoira eu não tenho mais. (*Ri*)

VOZ EM OFF - Olha, vamos fazer uma coisa então. Nós vamos te ajudar a colher essas frutas. Mas tu tem que me prometer uma coisa.

MENINO - Nós ? Tem mais alguém por aqui ?

VOZ EM OFF - Não, seu bobo, são os amorapazes e as morangurias. Eles são especializados em colher frutas.

MENINO - Ah, é ?

VOZ EM OFF - É. Mas tu tem que me prometer uma coisa.

MENINO - Depende.

VOZ EM OFF - Ih, que guri mais mal-educado. Tu fala assim com a tua mãe também, é ?

MENINO - Tá bom. Eu prometo.

VOZ EM OFF - Então promete que não destrói mais nenhuma teia de aranha ?

MENINO - Se tu me ajudar a colher as frutas...

VOZ EM OFF - Mas que guri sacana...

MENINO - Sim, eu prometo.

VOZ EM OFF - Então tá. Tá pronto ?

MENINO - Pra que ?

VOZ EM OFF - Pra eu te diminuir. Senão os amorapazes e as morangurias não vão aparecer. Eles tem medo de gente. Eles tão derrubando muita árvore por aqui.

MENINO - Diminuir ?

VOZ EM OFF - Não dói, seu medroso. Tu vais ver. Fecha os olhos.
(*O menino tapa os olhos com as mãos e o anão murmura algumas palavras. Blecaute.*)

Quadro 2 - Na floresta de flores

(*Quando a luz volta, o anão está do tamanho do menino. Ele possui um bastão-lança.*)

ANÃO-REI - Doeu ?

MENINO - Tu tá do meu tamanho !

ANÃO-REI - Não, bobo, tu é que diminuiu.

MENINO - E as árvores da floresta floresceram de uma hora pra outra !

(*O menino passeia deslumbrado pela floresta*)

ANÃO-REI - São as flores que aumentaram de tamanho. Por isso tu acha que as árvores deram flor.

MENINO - E quando é que eu vou voltar ao normal ?

ANÃO-REI - Depois que tu fizeres o teu trabalho junto com todo mundo, ou tu achava que ia ficar só olhando ? Aqui todo mundo pega junto.

MENINO - E ninguém brinca ?

ANÃO-REI - Depois de trabalhar, sim.

MENINO - Parece a minha mãe falando. A minha irmã fica em casa e eu tenho que sair por aí pra colher essas frutas. Que saco.

ANÃO-REI - A sua irmã deve fazer outras coisas.

MENINO - Aquela abobada não sabe fazer nada. Por isso que sou eu que saio pra buscar as coisas.

ANÃO-REI - Eu quero ver quando tu disser isso pras morangurias. Elas são mais rápidas, mais inteligentes e mais espertas do que tu.

MENINO - Duvido !

ANÃO-REI - Então espera pra ver. Mas eu não tô preocupado com isso agora. E sim com as aranhas.

MENINO - O que é que tem as aranhas ?

ANÃO-REI - Elas andam furiosas porque acham que somos nós que estamos destruindo as teias delas.

MENINO - E elas vão nos comer ?

ANÃO-REI - Ai que guri medroso! Acho melhor a gente andar logo com essa história das frutas pra tua mãe.

(*O menino concorda coma cabeça e vai até o cesto que agora está maior do que ele. Ele leva um susto.*)

MENINO - Ih, como é que eu vou carregar o cesto agora ? Não dá pra diminuir ele também ?

ANÃO-REI - Eu já te disse que aqui no meu reino todo mundo trabalha, cada um faz a sua parte. Ninguém manda em ninguém.

MENINO - Ué, mas tu disse pra mim que era o rei, pra mim rei é o que manda.

ANÃO-REI - Nada disso, bobão. Eu só organizo as votações. Todo mundo decide. Eu sou o rei porque eu sou o mais velho. Só por isso.

MENINO - Velho ? Não parece. Quantos anos tu tem ?

ANÃO-REI (*depois de uma gargalhada*) - nem vou te dizer, senão tu não vai acreditar.

(*O Anão-rei vai pró fundo e começa a cantar uma melodia estranha.*)

MENINO - Que anão mais esquisito. E ainda por cima fica me dando lição de moral dizendo como que eu tenho que me comportar coma minha mãe. Depois ele ri da minha cara porque eu disse que era mais forte e mais inteligente que a minha irmã. E pra completar me xingou porque eu só fico brincando em vez de fazer o meu trabalho. Quem será que ele pensa que é ?
(*Ouve-se um som surdo de animais se aproximando como num galope . O menino se assusta.*)

MENINO - E agoira, o que é isso ?

ANÃO-REI - Tu não disse que o cesto era pesado ? pedi ajuda.

MENINO - Ajuda ?

(*De repente aparece um rato. O anão vai até o rato e fala alguma coisa com ele num idioma incompreensível. O rato pega o cesto e parte. O anão ri satisfeito.*)

ANÃO-REI - Pronto. Agoira a gente pode ir. Vamos começar com os amorapazes.

MENINO - Que língua era aquela que vocês falaram ?

ANÃO-REI - Era ratês.

MENINO - Mas os ratos não falam a nossa língua ?

ANÃO-REI - Claro que não. Os chineses falam a tua língua ?

MENINO - Claro que não.

(*O anão-rei ri triunfante.*)

ANÃO-REI - Então vamos duma vez senão a tua mãe vai ficar preocupada.

MENINO - Grande coisa, até é bom porque daí...

ANÃO-REI (*escutando alguma coisa ao longe*) - Pst !

MENINO - ...daí ela aprende e não me manda mais colher essas frutas e daí eu vou poder brincar e...

ANÃO-REI - Quietinho.

(*O anão deita a cabeça no chão para identificar o som.*)

MENINO (*rindo*) - Há ! isso eu já vi num filme de índio quando eles...

ANÃO-REI (*levantando-se com preocupação*) Ô-ou. Mau tempo por aí.

(*O anão pega o guri pelo braço e sai apressado.*)

MENINO - Tu pode me explicar o que é que tá acontecendo aqui ?

(*O anão não responde e começa a andar mais depressa, quase correndo.*)

MENINO - Agoira quem tá sendo mal-educado é o senhor, seu anão de meia-tigela, (*apavorado e gaguejando*) eu acho melhor eu ir pra casa, a minha mãe...ah !

(*Os dois se deparam com uma enorme aranha.*)

ARANHA - Hieronimus, seu anão safado, agoira você vai ver o que é bom pra tosse por ter destruído as teias que eu levei hoooras pra fazer.

(*A aranha solta um berro e sai correndo atrás dos outros dois. A perseguição dura um tempo, mas o menino e o anão conseguem deixar aranha, um tanto desengonçada pelo tamanho, para trás. Quando percebem que estão livres, desaceleram e o menino se joga no chão exausto.*)

ANÃO-REI - Foi por pouco.

MENINO (*cansado e choramingando*) - Ai seu anão, eu quero voltar pra casa...

ANÃO-REI (*imitando a voz do menino*) - Ai, eu quero a minha mãe...

MENINO (*se levantando*) - Pára de tirar sarro da minha cara. Tá bom, eu não quero ir embora nada. Eu só volto com o cesto cheio. Falando nisso, cadê aquele rato com o cesto ? Como é que a aranha te chamou mesmo ?

ANÃO-REI - Hieronimus. É o meu nome.

(*O menino acha graça do nome do anão.*)

MENINO - Vem cá, falta muito pra chegar na tal plantação de amoras ?

(*O anão aponta para trás. Abre a luz. O menino vislumbra um pomar repleto de frutas azuis do tamanho de maçãs.*)

Quadro 3 - Na plantação de amoras

HIERONIMUS - O que foi, seu bobo ? A dona-aranha comeu a tua língua ?

MENINO - Não...é que eu nunca tinha visto maçãs desse tamanho !

HIERONIMUS - Maçãs ?

(*O anão cai na gargalhada*)

MENINO - O que é que foi agoira ?

HIERONIMUS - Não são maçãs, bobinho. São amoras !

MENINO - Desse tamanho ?

HIERONIMUS - Vem cá, tu já esqueceu que tu diminuiu de tamanho ou tá tirando sarro da minha cara ?

MENINO - Ah...

HIERONIMUS - E agoira vamos chamar os amorapazes.

MENINO - Quem ?

HIERONIMUS - Tu vai querer colher sozinho essas amoras ?

MENINO - Eu ? Eu , não. Eu já tô de saco cheio de ter que ficar fazendo tudo pra minha mãe e a minha irmã, aquela chata, ficar em casa...

HIERONIMUS - Tá ! Deu ! Eu já conheço essa história. E chega de papo-furado que a tua mãe deve estar preocupada.

(*O anão pega o bastão-lança e começa a assoprá-lo como se fosse uma flauta alpina sem emitir som nenhum.*)

MENINO - E agoira, que mágica é essa ? Eu tava até querendo te perguntar que negócio esquisito era esse. Mas com essa correria toda nem deu tempo. Primeiro eu pensei que fosse uma lança, mas tu nem usou pra se defender da aranha...ou é aquele negócio que os reis usam ?

HIERONIMUS (*soltando o bastão-lança da boca*) - Tu quer dizer cetro ?

MENINO - É. Isso aí.

HIERONIMUS (*achando graça*) - Não. É pra chamar os amorapazes.

MENINO - Tô curioso pra ver esses amor...rapazes...do que mesmo ?

(*O anão não responde e fica olhando para ver de que lado os amorapazes vão chegar.*)

MENINO (*depois de um tempo, examinando o bastão-lança com o olhar*)

- Mas me diz uma coisa : como é que eles vão te ouvir se não sai som nenhum disso aí ?

HIERONIMUS - Tu acha que tu sabe tudo, não é ? Mas existem coisas que vocês não sabem. Ou não podem.

MENINO - Nós ?

HIERONIMUS - Os humanos, bobinho. Ah, chegaram !

(*Aparecem três meninos vestidos de azul feito amoras*)

HIERONIMUS - Amorapazes, este aqui é o ...

MENINO - João.

HIERONIMUS -...é, João. O João precisa levar umas frutas pra mãe dele fazer geléia e tá atrasado, então eu chamei vocês pra dar uma mão pra ele.

(*Os meninos prontamente começam a colher as amoras.*)

MENINO (*surpreso*) - E tu não vai contar da história daquela aranha gigante ? E das teias que eu destruí ? E que por causa disso a gente fez um acordo...

HIERONIMUS - Quem sabe tu para de ficar gritando aqui do meu lado e vai ajudar eles, hein ?

MENINO (*contrariado*) - Mas precisa ?

HIERONIMUS - É assim que tu faz com a tua mãe, não é ? Só pode ser.

MENINO (*orgulhoso*) - Ah, mas tu esqueceu duma coisa !

HIERONIMUS (*distraído, olhando pras árvores*) - Ali tem mais uma, daquele lado ali, ó !

MENINO - A cesta. Como é que a gente vai levar as frutas sem a cesta ?

HIERONIMUS - É mesmo. Pelo menos pra alguma coisa tu serves.

MENINO - Ih ! Será que aquele rato roubou ? Lá onde eu moro tem muito ladrão, a gente não pode deixar nada na rua que...

(*O menino para ao ouvir o anão cantar a melodia estranha em ratês*)

MENINO - Lá vem ele com aquela música pra eu não entender...

HIERONIMUS - O que foi ?

MENINO - Nada, nada.

HIERONIMUS - Ele deve estar chegando. Deve ter passado em casa antes.

MENINO - O rato ?

HIERONIMUS - Hu-hum.

MENINO (*incrédulo*) - Ah, tá...

(*Os meninos terminam de colher e se aproximam do anão com as camisas repletas de amoras, que mais parecem maçãs de tão grandes.*)

HIERONIMUS - Muito obrigado, amorapazes. Vocês foram muito gentis.

MENINO (*preocupado, sussurrando no ouvido do anão*) - E como é que a gente vai pagar ? Eu não trouxe dinheiro.

HIERONIMUS - Pagar ?

MENINO - É. Vai me dizer que isso não existe aqui também...

HIERONIMUS (*rindo*) - Aqui as pessoas fazem as coisas porque são amigas. Não custa nada para eles colherem as amoras. É a função deles. Cada um faz uma coisa e todos acabam se ajudando.

MENINO - Que estranho.

(*O rato chega com o cesto. Os meninos se assustam com o tamanho do cesto.*)

HIERONIMUS - Fiquem tranqüilos. É o cesto do Joãozinho.

MENINO - João.

(*Hieronimus encara João*)

HIERONIMUS - Mas agoira vai ser joãozinho porque tu tá encolhido mesmo.

MENINO - Tu não é minha mãe pra mandar em mim.

HIERONIMUS (*a parte*) - Ai, que guri mais chato !

MENINO - falando nisso, é melhor eu voltar. Minha mãe deve estar me procurando.

HIERONIMUS - E os morangos ? Nada disso. Comigo é serviço completo. (*Para os meninos*) Botem por as amoras aqui.

(*Enquanto os amorapazes colocam as frutas no cesto, o anão dá instruções para o rato em ratês*)

MENINO (*para um dos amorapazes*) - Ele se acha o tal falando essa língua esquisita. Eu é que não ia querer aprender.

(*O anão volta pra perto de João. Os meninos colocam o cesto no rato. O rato parte*)

MENINO (*fazendo menção de correr atrás do rato*) - Ei, volta aqui com as minhas frutas !

HIERONIMUS - Minhas ?

MENINO - Eu sabia que esse rato era ladrão. E agoira, o que é que a gente vai fazer ? (*corre pras árvores*) Ih, não sobrou quase nada !

HIERONIMUS - Em primeiro lugar, as frutas não são tuas. Nós colhemos, a tua mãe vai fazer a geléia e outras pessoas vão comer. Entendeu ?

MENINO - Tá, mas que importância tem isso ?

HIERONIMUS - Muita. A gente tem que prestar atenção no que diz pra não dizer bobagem.

MENINO - Tá. Mas e as frutas ?

HIERONIMUS - Ah, assim tá melhor. Olha, o rato não é ladrão. Ele foi levar o cesto até a plantação de morangos. A gente vai pelo rio. É mais rápido.

MENINO (*admirado e aliviado*) - Ah !

HIERONIMUS (*para os meninos*) - E vocês nos encontrem lá nas morangurias.

(*Os meninos saem. Hieronimus se põe a caminhar e João o segue. Depois de alguns passos*)

MENINO - Tomara que as mi...quer dizer, as nossas frutas cheguem inteiras. A (*constrangido*) mamãe sempre reclama quando elas tão amassadas...

(*Depois de muito caminhar, os dois saem de cena.*)

Quadro 4 - No rio

(*Entra uma música de marinheiros. Os dois entram navegando num barquinho cuja vela é uma folha de plátano gigante.*)

MENINO (*meio assustado*) - vem cá, hein, tu tem certeza que esse barco é seguro ?

HIERONIMUS - Ai, que delícia !

MENINO (*contrariado*) - delícia...é só o que tu sabe dizer...

HIERONIMUS - Mas é claro, afinal nós estamos no jardim das delícias !

MENINO (*examinando o anão-rei com o olhar*) - Me diz uma coisa, o que é que tu faz o dia todo aqui ?

HIERONIMUS - Eu pinto, por exemplo.

MENINO - Por exemplo ?

HIERONIMUS - Ah, é jeito de dizer. Só que eu não tô com o meu material de pintura. Tu sabe pintar também ?

MENINO (*chateado*) - Ah, eu desenho muito mal. Até a minha irmãzinha pinta melhor do que eu...

HIERONIMUS - E ela não pode fazer nada melhor do que tu ?

MENINO - É que ela é menor que eu, né .

HIERONIMUS - Eu também sou menor do que tu.

MENINO - Mas é diferente...tu não é gente..

HIERONIMUS - Eu tô louquinho que tu conheça as morangurias pra tu perder essa mania boba de achar que os guris são melhores em tudo. E agoira fica quieto um pouquinho que eu quero aproveitar o embalo do barquinho.

MENINO - Ô, seu anão...eu acho que o barco tá sacudindo..

HIERONIMUS (*quase dormindo*) - Hum ?

MENINO - Olha lá, tem alguém se afogando.

HIERONIMUS (*se levantando de sopetão. O barco balança.*) - É o Seu sapo. Vamos até ali.

MENINO - Calma...ei ! vai virar o barco assim !

HIERONIMUS - Se segura.

(*O barco se aproxima do sapo gordo e atrapalhado. O anão alcança o bastão-lança. O sapo se agarra nele. O anão puxa o bastão-lança pra perto do barco.*)

SAPO (*de dentro da água*) - Puxa, dessa vez quase que eu me vou.

HIERONIMUS - Logo o senhor, que nada tão bem ! Como é que isso foi acontecer ?

SAPO - Eu comi demais no almoço e tava tirando uma soneca na beira do rio e de repente...plof !

MENINO (*sussurrando pró anão*) - Ele não vai nos comer ?

HIERONIMUS - Ah, esse aqui é o João.

SAPO - Ah, obrigado por ter me salvado, viu !

(*O menino estufa o peito orgulhoso*)

HIERONIMUS - É melhor não dizer nada que ele é muito exibido.

MENINO - Esse anão só me xinga desde que eu cheguei, que eu sou exibido, medroso, chorão...

(*O anão-rei cala o menino com um olhar*)

HIERONIMUS - Tá tudo bem agoira ?

SAPO - Hu-hum.

HIERONIMUS - Vê se toma mais cuidado na hora de descansar.

(*O sapo sai nadando e vai embora.*)

HIERONIMUS - Que sorte que ele não nos deu uma lambida com aquela língua dele. Ele sempre faz isso quando nos vê. Aí sim eu queria ver o guri valente que tu diz que tu é. Pronto. Chegamos. Pode descer.

QUADRO 5 - Na plantação de morangos

(*Ao descer, o menino se surpreende com as árvores repletas de morangos. O menino vai até uma das árvores, colhe facilmente uma fruta e come, deliciando-se. Entra um grupo de três morangurias cantando uma música. O menino esconde o morango delas e fica observando a dança. A dança termina. Elas abraçam o anão-rei*)

MORANGURIA 1 - recebemos o seu recado.

MORANGURIA 2 (*apontando para o menino*) - Aquele deve ser o menino, não é ?

MORANGURIA 3 - Tá com cara de quem aprontou alguma coisa...

MORANGURIA 2 - Tá escondendo alguma coisa da gente...

(*As três saem atrás dele. O menino tenta fugir delas em vão.*)

MORANGURIA 1 (*achando graça*) - Ele tava comendo morango.
HIERONIMUS - Depois o senhor não sabe porque a sua cesta fica vazia...

MENINO - É que...eu não pude resistir...tão vermelhinho e olhando pra mim...

(*O anão-rei cochicha algo no ouvido da moranguria 1*)

MENINO - Quem cochicha o rabo espicha !

MORANGURIAS 2 E 3 - Quem se importa o rabo entorta. (*As duas caem na gargalhada*)

MORANGURIA 1 - Vamos apostar uma corrida ?

MENINO - Que graça tem ? Eu vou ganhar ?

MORANGURIA 1 - Então vamos ver. Em volta do anão-rei. Três voltas. Tá bom ?

MENINO - Agoira ?

(*A Moranguria 1 assente com a cabeça*)

MENINO - Tem gente que não vai gostar...primeiro o trabalho...

(*Os dois se posicionam*)

HIERONIMUS - Atenção...Foi.

(*A moranguria logo toma a frente e termina a prova em primeiro lugar . O menino termina bufando. As três morangurias se abraçam e comemoram.*)

HIERONIMUS - Que isso sirva de lição pra ti. Agoira, ao trabalho.

(*As morangurias saem cantando e colhem os morangos. O menino se deixa cair no chão sentado.*)

MENINO - Agoira eu entendi porque isto aqui se chama o jardim das delícias. Ninguém cobra pelos morangos.

HIERONIMUS - Aqui não tem disso. Cada um faz a sua parte, eu já te disse.

MENINO - Eu queria morar aqui...

HIERONIMUS - Então já que tu gostou do jeito que a gente vive aqui na floresta das delícias, tenta fazer com que isso aconteça lá com a tua gente também.

MENINO - Mas como ?

(*O anão-rei faz uma cara de quem tem a resposta mas não quer dar.*)

HIERONIMUS - Ah, chegaram !

QUADRO 6 - No jardim das delícias

(*As morangurias largam o cesto transbordando de morangos e se juntam aos amorapazes. Uma melodia alegre. Os pares de colhedores dançam. O menino pula junto com eles. Depois de um tempo, surge a aranha calmamente. Os amorapazes, as morangurias saem correndo pra trás do anão-rei. O menino continua dançando de olhos fechados e sozinho sem perceber a presença da aranha. A aranha bate no ombro dele. Ele afasta a pata peluda da aranha. O menino se dá conta de que algo estranho tocou*

nele. Olha para trás e se depara com a aranha. O menino sai correndo pra trás de uma árvore.)

ARNHA - Muito bem, fazem festinha e não me convidam.

HIERONIMUS - Tu é sempre bem-vinda aqui.

ARNHA - Anão xexelento. Mentiroso. E ainda por cima manda esses teus súditos irem destruir as minhas teias.

HIERONIMUS - Eles não são súditos de ninguém, e tu sabes muito bem disso.

ARANHA - Tão bonitinhos, que roupinhas coloridinhas, que tecido fino...

MENINO (*tomando coragem*) - O, dona aranha...

ARANHA - Quem é esse pirralho ? Esse é novo na parada.

HIERONIMUS - Deixa que eu resolvo João.

ARANHA - Que nome bonito, (*debochando*) Jo-ão.

MENINO - Eu tenho que falar quem é que tá destruindo as teias dela.

ARANHA - Ah, então ele sabe ?

HIERONIMUS - Não sabe nada. Vai embora.

ARANHA (*furiosa*) - Eu só vou se eu descobrir quem destruiu as minhas teias !

HIERONIMUS - Acho que tem alguém que não tomou o café da tarde ainda...

(*O Anão-rei toca o seu bastão-lança*)

ARANHA - o que que é agoira, vai ficar se exibindo pra todo mundo com esse pau de guarda-chuva aí, é ?

HIERONIMUS - A senhora vai ter que me desculpar, mas eu tive que tomar essa atitude.

ARANHA - Hum, o anãozinho é misterioso ainda por cima...mas, menininho (*aproxima-se do menino, cínica*)...me conta o que é que tu sabe ?

HIERONIMUS - Vem pra cá, João, a gente não precisa de super-herói aqui.

ARANHA - Eu só quero... Ah !

(*O sapo aparece na frente da aranha que se apavora.*)

SAPO - O que foi Hieronimus ?

HIERONIMUS - tem alguém que não tá se comportando direito, e eu achei que já tá na hora duma bolachinha...

(*A aranha sai berrando pelo jardim das delícias e o sapo sai atrás. Fora de cena o sapo devora a aranha. Silêncio. Ouve-se um arrote em voz alta.*)

HIERONIMUS - Pronto. Estamos fora de perigo.

MENINO - Eu até ia contar...

HIERONIMUS - Tu tens que aprender o que é perigoso e o que não é. Tu podia estar no estômago dela agoira.

MENINO - Eu vou ter bastante história pra contar quando eu for embora daqui...falando nisso...a minha mãe deve estar louca atrás de mim !

(O sapo entra e vai direto lambar o menino. O menino tenta se proteger da língua descomunal e molhada do sapo.)

SAPO - Muito obrigado, mais uma vez, meu menino.

MENINOP - Tá, tá bom. Tá.

SAPO - Estava uma delícia.

HIERONIMUS - Acho que agora tá na hora de tu ires mesmo. *(Para as morangurias e os amorapazes)* Vocês podem ficar se divertindo *(para o menino)* afinal o trabalho já foi feito !

MENINO - Essa foi pra mim.

HIERONIMUS - João, vamos aproveitar e pegar uma carona com o Seu sapo, assim ele faz a sua digestão.

(Todos riem, menos o menino)

HIERONIMUS - e vocês, se despeçam do João.

(Os amorapazes e as morangurias carregam o menino para o centro do jardim das delícias e dançam a dança da despedida com eles)

HIERONIMUS - Vamos, João. A tua mãe deve estar preocupada.

(o Anão-rei monta no sapo e chama o menino para fazer o mesmo. AS morangurias trazem o cesto para o anão cheio de frutas. O menino hesita mas acaba subindo no lombo do sapo meio a contragosto. O sapo começa a pular.)

QUADRO 7 - na floresta

MENINO - A gente vai ca...ca...ir...

HIERONIMUS - Acho que deu pra aprender alguma coisa com essa tua aventura aqui na floresta das delícias, não deu.

MENINO - Ai, minha bunda...isso é pior do que cavalo...

SAPO - Ele sempre reclama assim ?

HIERONIMUS - Sempre. Aqui tá bom, Seu sapo.

(O sapo para . Com a travada o menino acaba caindo no chão. Os outros dois riem dele.)

MENINO *(Irritado)* - A gente não ri de gente machucada.

HIERONIMUS - E tu por acaso te machucou ?

MENINO - Eu...não...mas eu cá igual.

HIERONIMUS - Tá, te levanta que eu vou te transformar no teu tamanho verdadeiro de novo e assim tu vai logo pra casa.

SAPO - E eu vou tirar uma outra soneca.

HIERONIMUS - Mas cuida pra não cair no rio de novo, hein ! A gente não vai estar lá agora pra te salvar.

SAPO - Pode deixar.

(O sapo sai dando um outro arrote)

MENINO - Esse sapo só dorme ? Eu achei que cada um fazia uma coisa de útil aqui na floresta das delícias.

HIERONIMUS - E tu acha que o que ele fez não foi útil ?

MENINO (*pensativo*) - Pensando melhor, tu tem razão.

(*Os dois ficam em silêncio por um tempo*)

MENINO (*com os olhos fechados*) - E aí, não vai me transformar ?

HIERONIMUS - Bom, eu espero que tu tenha aprendido alguma coisa aqui hoje.

MENINO (*com os olhos fechados, constrangido*) - Aprendi. (*Pausa*)
Muitas coisas.

(*O anão dá um sorriso*)

MENINO (*abrindo os olhos*) - Eu...posso te dar um abraço ?

(*O anão abre os braços. O menino vai até ele e lhe dá um abraço.*)

HIERONIMUS (*afastando o menino*) - Agoira tá na hora de ir.

MENINO - Pena que eu tenho que ir sozinho.

HIERONIMUS - Faz de conta que tu sempre vai estar aqui junto com a gente no jardim das delícias.

(*O menino assente com a cabeça.*)

HIERONIMUS - Pronto ?

MENINO - Hu-hum.

(*O anão murmura as palavras mágicas. Blecaute. Quando a luz volta o anão está sozinho observando o menino se afastando. O anão sorri e sai.*)

FIM